

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P.º Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



Com extraordinária afluência de peregrinos tanto nacionais como estrangeiros, realizaram-se, nos dias 12 e 13 de Junho findo, no Santuário de Nossa Senhora da Fátima, as comemora-

ções próprias desses dias nos meses correspondentes aos das aparições de 1917.

O tempo, depois das chuvas dos dias anteriores e mesmo da véspera até próximo do meio-dia, esteve verdadeiramente magnífico, com céu sem nuvens, sol brilhante e temperatura amena que se poderia dizer primaveril.

O que mais atraía as atenções de todos eram os peregrinos brasileiros em número de seiscentos — representantes dos 21 Estados da União Federal da Nação irmã — com os Senhores Bispos de Nazaré, D. Carlos

PEREGRINAÇÃO DE JUNHO, 13

Coelho, Bispo de Garanhuns, D. Juvêncio de Brito, e Bispo de Amargosa, D. Florêncio Vieira, que regressavam de Roma, onde tinham ido tomar parte nas comemorações do Ano Santo.

A mais numerosa das peregrinações estrangeiras, depois da brasileira, era a da república da Venezuela, composta de quinhentas pessoas e presidida pelo Senhor Arcebispo de Mérida, D. Acácio Chacón, que no regresso levou do Santuário uma imagem do Imaculado Coração de Maria.

Estava também presente um grupo de setenta e três indianos do Paquistão com o rev. P. Félix Pinto, pároco da catedral de S. Patrício de Karachi, capital daquela nação. Estes peregrinos depuseram aos pés da Imagem da capelinha das aparições um monograma com as armas da cidade de Karachi, de prata, como recordação da primeira peregrinação do Paquistão e da visita da Imagem Peregrina àquela terra.

Viam-se ainda peregrinos dos Estados Unidos da América do Norte, entre os quais o rev. P. Leal Furtado, pároco de Somerset.

Estes e muitos outros peregrinos estrangeiros, vindos de todos os pontos do globo, são uma prova palpável da enorme repercussão dos sucessos maravilhosos da Fátima em toda a parte, fora do nosso país.

Tudo correu na melhor ordem possível e com visível piedade

e fervor da parte de todos os peregrinos.

Na véspera à noite, efectuouse com raro esplendor a procissão das velas, espectáculo que foi, como sempre, admirável e comovente. Pode afirmar-se que naquela imensa multidão, calculada em cerca de cinquenta mil pessoas, raras eram as que não empunhavam uma vela acesa.

A evolução daquela torrente de luz, numa noite serena e tranquila, era duma beleza indescritível.

A meia-noite, começou a cerimónia da adoração geral do Santíssimo Sacramento solenemente exposto no altar erecto em frente da Igreja do Rosário que estava adornado com grande profusão de lumes e de flores.

Rezou-se o terço do Rosário e, nos intervalos das dezenas, fez a meditação pregada dos mistérios o rev.º Senhor D. Bento Alves Ferreira, O. S. B., Prior do Mosteiro de Singeverga, que proferiu também a homilia, à estação do Evangelho, na Missa dos doentes.

Esta Missa foi celebrada pelo rev. P. Carlos Gonçalves Duarte de Azevedo, administrador da «Voz da Fátima».

Assistiram ao piedoso acto, em lugar próprio, mais de quatrocentos enfermos previamente

inscritos no registo do Posto das verificações médicas. Assistiram também, em lugares reservados, junto do altar, o Senhor Bispo de Leiria e os Prelados estrangeiros.

Um deles, em nome de todos, proferiu uma breve mas calorosa alocução, em que saudou Portugal e os portugueses.

Éis um resumo dessa alocução:

(Continua na 2.ª página)

UM PEDIDO

O Santuário de Nossa Senhora da Fátima vive exclusivamente das esmolas dos fieis e as despesas diárias são muito grandes, pelo menos enquanto não terminarem as obras já em curso ou ainda planeadas, todas pagas pelo Santuário.

Agradece-se por isso às pessoas que escrevam quer para o Santuário, quer para a Secretaria Episcopal de Leiria, quer ainda para a Redacção e Administração deste jornal, sobre assuntos relacionados com a Fátima e que exijam resposta, o favor de enviarem juntamente o selo para essa mesma resposta. São muitas pequeninas parcelas que no fim do ano representam uma verba considerável; mas se for repartida por todos os beneficiários, a ninguém é pesada.

Acção Católica

Concentração na Fátima

Foi um edificante movimento de almas a Concentração realizada na Fátima, nos dias 10 e 11 do mês de Junho, para se rezar pela Igreja e pelo Papa.

Não se descrevem os actos de piedade que constavam do programa, cuidadosamente elaborado. Quem conhece a Fátima, sabe como lá se reza e se faz penitência. São horas altas de louvor, de agradecimento e de súplica.

Aqui, pretende-se apenas destacar uma nota, que merece registo especial.

Foi notável o espírito de união. De todos os cantos de Portugal estiveram presentes na Concentração numerosos elementos das quatro Organizações nacionais e de todos os Organismos especializados.

O número interessa, mas interessa ainda mais o espírito de fraternidade que se sentiu em todos os actos da Concentração.

A Acção Católica é um grande exército de paz. Todavia, trabalhando em sectores especializados, os seus associados podem perder de vista a unidade de conjunto, para fixar-se apenas na Organização ou no Organismo em que servem. Torna-se, por isso, necessário multiplicar as realizações gerais, em que cada um compreenda e sinta que o seu sector é parte integrante dum grande corpo social. Para o pleno desenvolvimento deste corpo, é necessário que todos os seus elementos funcionem em perfeita harmonia, na sua actividade específica e nas suas realizações de conjunto.

Para isso, não bastam as determinações de regulamentos, artigos, cartas e circulares. Mais do que todos esses meios, aliás de grande importância, valem as iniciativas realizadas conjuntamente.

Almas de boa vontade, alumiadas pelo mesmo ideal, alimentadas pela mesma seiva, procurando os mesmos objectivos, desde que se encontrem não podem deixar de unir-se intimamente e de estimar-se com devoção.

Sob este aspecto, a Concentração de Fátima foi uma grande realização.

Mas desta vez, na Concentração da Acção Católica participaram também muitos associados da Pia União dos Cruzados da Fátima, do Corpo Nacional de Escutas, e da Ordem Terceira Franciscana. Coesão magnífica de forças do espírito ao serviço da Igreja!

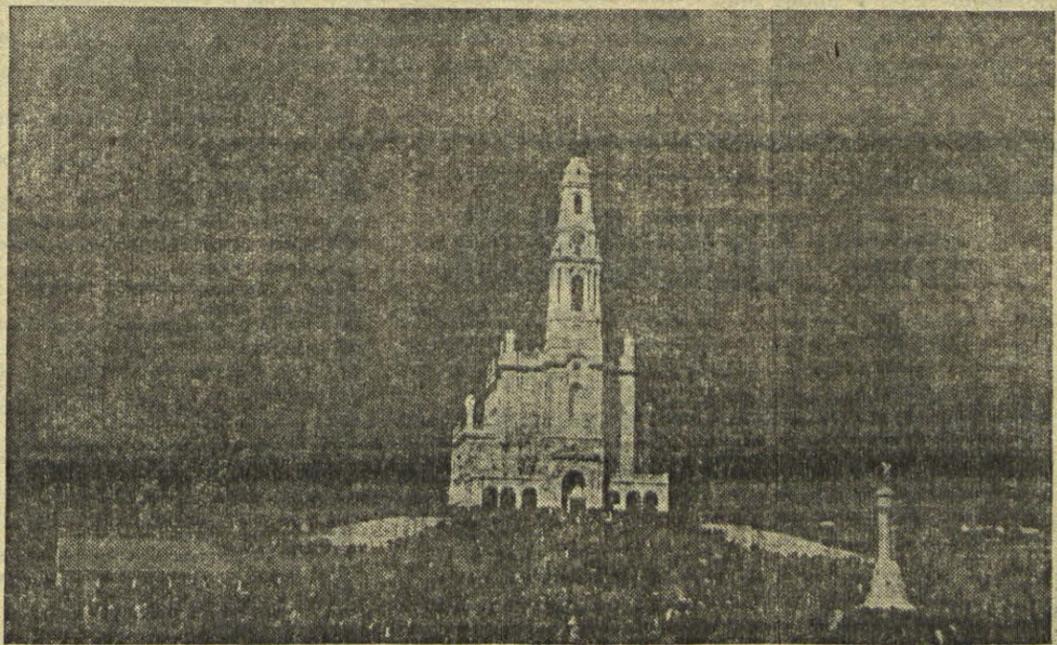
Todos rezaram em comum, e em comum afrontaram corajosamente as rajadas de chuva que no dia 11 caíu. Esta união terá contribuído para estreitar os laços que ligam estas diversas obras.

Por determinação dos Pontífices, a Acção Católica tem uma função coordenadora. Não suprime, não absorve, não diminui as actividades de nenhuma obra, mas deve orientar movimentos que, sem uma determinação superior, correm o risco de enfraquecer, por dispersão.

Constituiu um lindo exemplo de solidariedade a Concentração da Acção Católica na Fátima. Para bem da Igreja, deve realizar-se todos os anos. E não apenas com a presença de mais duas ou três obras, mas de todas as Obras auxiliares.

De vez em quando, convém rezar, sofrer e trabalhar em comum, para bem se compreender e sentir que é mãe comum a Igreja que todos generosamente procuramos servir.

† MANUEL, Arcebispo de Mitilene



O SANTUÁRIO NUMA TARDE DE TROVOADA — 12 DE MAIO

No meio da cerração que envolve o mundo, Fátima é uma clareira para onde se voltam ansiosos e confiantes os olhos e os corações de todos os homens que verdadeiramente buscam a Luz e a Paz.

Graças de N.ª S. de Fátima Peregrinação de Junho, 13

(Continuação da 1.ª página)

Avisos Relativos às curas

Pede-se às pessoas que tenham sido objecto de curas extraordinárias ou de outras graças, obtidas por intermédio de Nossa Senhora da Fátima, ou por intermédio dos Pastorinhos, Francisco e Jacinta, o favor de enviarem os respectivos relatos ao Administrador da «Voz da Fátima» — Santuário da Fátima, Cova da Iria.

A título de mera informação e sem prejuízo do exame a que tenham de ser submetidas e da decisão da Autoridade Eclesiástica, essas curas e graças podem, com o consentimento das pessoas interessadas, e atestado do Rev. Pároco, ver a luz da publicidade na «Voz da Fátima», para a maior glória de Deus e de sua Santíssima Mãe e para edificação das almas.

As narrativas de curas devem dar a conhecer o melhor possível:

1. A pessoa curada

Dizer os seus nomes e sobrenomes, a idade, o lugar do nascimento, os diversos domicílios e o seu domicílio actual com a direcção exacta e completa.

Indicar o seu carácter, a sua conduta, a sua piedade, tudo o que nela possa ser motivo de edificação.

Dar a conhecer a sua compleição e a sua saúde no passado.

2. A doença

Dizer o nome da doença, a sua natureza, causa e evolução, fazer a história sucinta dela.

Fornecer, se for possível, os atestados escritos dos médicos acerca da doença, para a caracterizar bem, pelo menos, referir as suas palavras, as suas opiniões sobre a gravidade do mal, os remédios empregados, a sua eficácia ou a sua ineficácia.

3. A cura

Descrever minuciosamente as diversas circunstâncias da cura.

Indicar os meios espirituais empregados para a obter: orações, missas, novenas, água do Santuário; as disposições da pessoa enferma, a sua confian-

ça ou os temores, o que sentiu no momento da cura.

Apresentar, se for possível, os pareceres escritos dos médicos sobre a cura, ou pelo menos as suas palavras, e, sendo também possível, o testemunho do Pároco, do confessor ou de alguma outra pessoa séria e digna de crédito.

4. As consequências

Dizer o estado actual de saúde da pessoa curada. Assinalar os efeitos que a graça obtida produziu na alma da pessoa privilegiada, na família, na freguesia, no público.

N. B. 1.º É escusado dizer que, se não houver possibilidade de fornecer todas as informações acima pedidas, se devem enviar aquelas que se puderem obter.

Pede-se igualmente o favor de comunicar ao referido Administrador da «Voz da Fátima» as graças espirituais alcançadas e, em geral, todos os factos relativos à história ou ao culto de Nossa Senhora da Fátima.

2.º Em virtude da grande tiragem da «Voz da Fátima», lembramos que mandem ao Administrador alguma ajuda para ocorrer às despesas da publicação.

3.º Como há grande número de relatos de curas e graças que aguardam a publicação, em regra, a notícia enviada terá de esperar por vez cerca de três anos.

NO CONTINENTE

Curado de tuberculose pulmonar

Manuel Joaquim Félix de Almeida, de Fereneta, Estarreja, acozendo de tuberculose pulmonar, recorreu a par com o socorro médico, à protecção de Nossa Senhora da Fátima e atribuiu-lhe a sua cura completa que é confirmada pelo seguinte atestado clínico. «João Borges de Mascarenhas, médico pela Universidade de Coimbra, atesto pela minha honra que Manuel Joaquim Félix de Almeida, casado, 27 anos, filho de Francisco Lourenço de Almeida e de Maria Rosária Santos, natural de Fereneta, concelho de Estarreja, e residente em Coimbra, sofreu de tuberculose pulmonar, doença de que o tratei, iniciando o tratamento em 25 de Junho de 1939 e termi-

nando em outubro de 1939, ficando completamente curado. Por ser verdade e este me ser pedido, passei o presente que assino. Coimbra, 23 de Julho de 1943. João Borges de Mascarenhas».

«Onde chega a fé — pára a ciência»

Ernesto José dos Santos, médico pela Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, atesta e prova pela sua honra profissional que no dia sete de Setembro de 1949, pelas 2 horas, prestou assistência demorada à Ex.ª Sr.ª D. Leopoldina Borges, maior, casada, residente na Vila de Peso da Régua, com um edema pulmonar agudo e suramnia pronunciada, justificada com o resultado da primeira análise e seguintes que levaram o Médico Assistente e conferente a um prognóstico sombrio. A gratidão é a mais bela das virtudes sociais. Esta Senhora e profundamente religiosa e lembro o axioma: — «onde chega a Fé — pára a ciência...» A minha razão não percebe nem concebe como e porque esta Senhora, já pela sua idade, já pelos seus antecedentes, conseguiu vencer a crise que certamente a vitimaria, irremediavelmente, e é também a razão que a leva a manifestar a sua gratidão a Nossa Senhora da Fátima, deslocando-se ao seu Santuário. Manifesto publicamente o meu regozijo pelos resultados obtidos e a análise fica expressa sem mais delongas ou comentários». Régua, 12 de Abril de 1950 — Ernesto José dos Santos, médico.

Inocência reconhecida

«O soldado Henrique Pereira da Silva, n.º 223/41 do B. I. 2., foi injustamente acusado de grave transgressão do regulamento militar. Todas as provas morais recaem sobre ele apesar de tudo. Na iminência de ser rigorosamente castigado recorreu a Nossa Senhora da Fátima, pedindo a Deus por seu intermédio que esclarecesse a verdade e descobrisse a sua inocência, prometendo oferecer 150\$00 para as obras do Santuário da Fátima. No dia seguinte a sua inocência foi descoberta, pelo que depositou nas minhas mãos esta quantia que agora envio.

Ilha do Sal, 24/2/944.
P.º Felix Rodrigues Lopes. Capelão Militar.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- D. Maria José Alambre Casimiro, Cadaval.
- José António Cardoso, Vila da Feira
- D. Maria Müssener, Valência, Murcia.
- D. Maria Leonor de Azevedo e Castro, Horta — Faial.
- D. Maria Salome Freitas, Santo Amaro, S. Jorge (Açores).
- D. Etelvina Dias Petróto, Ermelo M. de Basto.
- D. Palmira Vieira Salvador, Angra Vinha Brava.
- D. Maria da Encarnação Morais, Santo Amaro, Pico.
- D. Ermelinda A. da Cunha, Cepões
- D. Mariana Cândida e sua filha Irene de Jesus Rosa de F. B. Botelho Campo Maior.
- D. Carolina Pereira Sequeira, Madalena, Pico.
- D. Maria Emília de Sousa, Vale de Cambra.
- D. Cristina de Gouveia, Funchal, Madeira.
- D. Maria Leonor de Freitas Oliveira, Azambuja.
- D. Maria Augusta Beirão, Mangualde, Cais de Cima.
- D. Beatriz de Barros Lima Funchal.
- D. Maria Luísa Albuquerque Moura Neves, Abrantes.
- D. Júlia Guedes Pinto, Alhandra.
- Paulo Mendes e Custódio Cardoso Pereira, Lamego.
- Júlio Pereira Pinto Júnior, Ponte de Lima.
- D. Maria Margarida Brasil Valadão, Angra.
- D. Maria Amélia Pezoto de Avila, S. Roque, Pico.

«Os portugueses descobriram o Brasil. Nós encontramos-os agora aqui, lado a lado, neste Santuário de Nossa Senhora da Fátima. Depois de visitar Roma, a capital da Cristandade, e a Fátima, o célebre Santuário internacional Mariano, regressaremos dentro de poucos dias à nossa Pátria. A semelhança dos Magos que, avisados por um Anjo, voltaram por outro caminho, para o seu país, voltemos também nós para as terras do Cruzeiro do Sul por outra estrada — estrada dum fé mais viva, dum esperança mais ardente e dum caridade mais generosa. Tenhamos sempre presente o convite de Jesus que tantas vezes ouvimos repetir amorosamente de mil maneiras, no íntimo das nossas almas: «Vinde a mim todos os que sofreis e estais oprimidos e eu vos aliviarei». Aumentemos cada vez mais nos nossos corações a devoção à Santíssima Virgem, Mãe de Deus e nossa Mãe celeste.

Voltemos, pois, ao Brasil pela estrada da piedade e do amor a Jesus Sacramentado e a Nossa Senhora da Fátima. Saude-mos o povo português e agradeçamos-lhe ter-nos dado a língua, a cultura e, o que mais é, a fé e a civilização cristã, de que ele foi o pioneiro, na gloriosa era dos descobrimentos e conquistas. Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo e sua Mãe Maria Santíssima!

Após a recitação da oração do Ano Santo, os dois Prelados brasileiros deram a bênção com Jesus Sacramentado aos doentes. Em seguida o Senhor Bispo

de Leiria procedeu à bênção solene de algumas imagens e bandeiras de Nossa Senhora da Fátima destinadas a diferentes pontos de Portugal e do estrangeiro, designadamente a Irlanda, os Estados Unidos da América do Norte e o Brasil.

Durante a cerimónia da bênção eucarística aos doentes, o rev. cônego dr. José Galamba de Oliveira, professor do Seminário de Leiria, fez ao microfone as invocações do costume, entoando nos intervalos a «Schola cantorum» do Seminário Missionário da Consolata cânticos e motetos apropriados, com acompanhamento de órgão.

Os actos religiosos oficiais concluíram com a procissão do «Adeus à Virgem» sendo a veneranda Imagem conduzida no seu rico andor, cheio de lindas flores, aos ombros de oficiais e praças da guarnição militar de Coimbra.

Milhares de braços acenam com lenços, quais revoadas de pombas brancas, saudando a Santíssima Virgem, representada pela sua Imagem.

As preces e os cânticos eram incessantes. Viam-se lágrimas de comoção e de júbilo em muitos olhos. O dia 13 de Junho foi mais um dia de glorioso triunfo para Nossa Senhora da Fátima, Rainha de Portugal e do mundo. Bendita seja Ela!

A emissora católica «Rádio-Renascença» transmitiu as cerimónias da adoração, geral, procissão das velas, Missa e bênção eucarística dos doentes. Ouviu-se muito bem.

VISCONDE DE MONTELO



Dentes saudáveis

porque a espuma de Kolynos entre os dentes

PENETRA e LIMPA



PREÇO 12\$50

- Jose Loreto, Leiria.
- Miguel Francisco Gato, Caranguejeira, Leiria.
- P.º António Pereira da Silva, Lixa.
- D. Josefa de Jesus Vieira, S. Paulo, Brasil.
- D. Maria da Conceição Vieira, S. Bartolomeu, Terceira.
- D. Maria dos Anjos, Paredes de Coura.
- D. Clara Pereira, ibidem.
- D. Urrutia Lopes Melão, Cais do Pico.

- D. Alice de Sousa Pinto, Madeira.
- D. Maria de Jesus Gonçalves Gomes, Lages das Flores.
- D. Diana de Viterbo, Lisboa.
- D. Filomena Teixeira, Santa Cruz Flores.
- D. Maria do Céu Avelar, ibidem
- D. Maria Pezoto e Família, ibidem.
- D. Maria Lucília Borges Mendes, Pocarissa.
- António Luis da Conceição, Coimbra.

visite **ROMA**

A Pan American World Airways, em colaboração com a Panair do Brasil assegura ligações rápidas e frequentes com ROMA. Não deixe de beneficiar dos enormes vantagens que lhe oferece a linha aérea de maior experiência para visitar a Cidade Eterna, por ocasião das celebrações do Ano Santo.

«Bandeirantes» tipo Constellation.

A Pan American é a única linha aérea que voo para os Continentes. Consulte o seu Agente de Viagens ou a Sociedade Portuguesa de Agências Aéreas — SIPAA — Praça dos Restauradores, 46 Telex: 31928/9 — Teleg. PANAIRES — Lisboa

PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS
A Linha Aérea de Maior Experiência

PAN AIR DO BRASIL

A Açucena da Forja

Estava-se no fim do Mês de Maria. Tinha fechado o harmónio e arrumava as músicas, delineando já mentalmente o programa do dia seguinte — o último — quando me pareceu ver passar uma sombra na abertura do côro para a escada que, dando acesso a este, ia até à torre, desde uma portinha que ficava à direita quando se entrava na igreja.

Uma sombra... Alguém que tinha subido lá acima durante a cerimónia não obstante a escuridão que afogava a escada naquele ponto pois que, dando volta, não podia receber luz alguma da lâmpada que se acendia no lanço inferior para a subida e descida das cantoras e da organista.

Tinham as raparigas já descido o que, em geral, terminada a devoção, sucedia sem demora, a fim de que se reunissem no corpo da igreja aos parentes ou outras pessoas cuja companhia aproveitavam.

Enfiou, portanto, sôzinha pela estreita escada e confesso que com o coração um pouco apertado. A lâmpada tremeluzia como de costume e não se encontrava ali ninguém. Ao galgar, porém, o último degrau detive-me sobressaltada. Recebia este já a claridade do templo e via-se nele um objecto escuro. Desci de lado, para o não pisar, e abaixei-me em seguida a observá-lo. Não era nada de extraordinário: uma boina que tresandava a miséria ou ao suor honrado dum operário.

Já a porta principal do templo estava a ser fechada; esgurei-me por ela e, na noite suavíssima, pus-me a caminhar para casa, na extremidade da vila.

Ao fim da rua, voltando a esquina, cruzou comigo, açodadamente, o Daniel ferrador. Não sei porquê, dando-me nas vistas a cabeça branca, descoberta, e talvez ainda mais a desusada precipitação no andar, me veio à ideia a boina perdida — ou esquecida — na escada do côro.

Mas quem se gabaria jamais de ter visto o Daniel ferrador entrar na igreja? Se ele até proibia a mulher de ir à Missal As filhas, essas, lá iam, às furtadas. A mais nova mesmo, desde o Natal, fazia parte do coro da igreja e com frequência muito apreciável. Constatava que alguém lho dissera, mas que ele fingia ignorá-lo, nunca tocando no assunto nem dentro nem fora de casa.

Ao lado do Daniel ferrador morava uma mulherzita que fazia serviços na nossa casa. No dia seguinte à tarde, antes de ir para a igreja, para a conclusão do Mês de Maria, passei por lá para lhe dar uns recados. Não estava, mas eu tinha tempo ainda e resolvi esperar, passando ao quintal onde brin-

cavam os filhitos e que era separado do pátio do ferrador apenas por um ripado revestido de roseiras — e de silvas também.

A casa do Daniel formava ângulo para o pátio. Por uma das janelas viam-se as duas raparigas que se compunham mutuamente os cabelos. Preparavam-se decerto para sair e, de facto, em breve estavam no pátio, enviezavam um olhar para a forja e desapareciam no corredorito que havia entre esta e a habitação.

Anoitecia. Fazia-se tarde na verdade e eu não podia esperar mais. Ia também a retirar-me, quando vejo o Daniel sair da forja e deter-se a olhar para um e outro lado, como receoso de ser observado. Instintivamente recuei um pouco mais e ocultei-me detrás duma árvore.

Então ele avançou para o ripado, estendeu a mão, colheu o que me pareceu serem dois ou três botões de rosa, puxou o elástico da blusa, e sumiu-os no peito. Contra o costume estava sem o avental de coiro e de cabeça descoberta.

Ao começar a subir a escada do côro, notei logo a boina enrodilhada ao canto do degrau e, à saída, sendo como na véspera, a última a descer, que ela tinha desaparecido. E no altar ali ao pé, o primeiro do fundo da igreja à direita, aos pés da Senhora do Carmo, viam-se três lindos botões de rosa...

— A Emilinha está muito mal... Mal soube a notícia corri à casa do ferrador. A Emilinha era a mais nova — quinze anos angélicos — a quem a mãe chamava a sua açucena.

Lá estava ela, mesmo qual lírio pendido, prostrada na sua caminha tão limpa mas cuja alvura não excedia a do rosto emoldurado de cabelos de ouro que o suor empastava e embaciava.

Sentado à cabeceira, vergado o tronco hercúleo sob o peso da dor, estava mestre Daniel. Levantou-se à minha entrada, cravou em mim o olhar e fez-me sinal para que o seguisse. Como a Emilinha permanecesse de olhos cerrados, retrocedi imediatamente.

— Oh, senhora! exclamou apertando-me as mãos que lhe estendi num impulso. A minha filha morreu... Eu não a merecia, pois não?

— Era um anjo... Deixemo-la voar... — Oh, se era! E como ela cantava na igreja!... Eu ia ouvi-la quase todos os dias, de Maio... E só agora lho disse... Ela então pediu-me que fosse chamar o senhor Prior... A senhora trata-me de tudo, pois trata?... —

E a açucena da forja ia reflorir no Céu.

M. de F.

Notícias do Santuário

JUNHO

Peregrinação da Colónia Inglesa

A exemplo dos anos anteriores, os católicos da Colónia Inglesa em Portugal realizaram a sua peregrinação anual ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, nos dias 2 e 3 de Junho. A peregrinação deste ano foi presidida por Mons. J. Murphy, Bispo de Shrewsbury, Inglaterra. As cerimónias constaram de procissão de velas, missa cantada à meia-noite e procissão com a imagem de Nossa Senhora.

Peregrinação dos Vicentinos

Os membros das Conferências de S. Vicente de Paulo do Patriarcado de Lisboa vieram ao Santuário em peregrinação nos dias 3 e 4. Reuniram-se junto da igreja paroquial da Fátima e daí vieram fazendo o exercício da Via-Sacra até à Cova da Iria, onde realizaram a procissão de velas, com pregação do Rev. P. Mateus das Neves, e assistiram à Missa, tendo terminado as cerimónias com a procissão da imagem de Nossa Senhora.

Retiro para doentes

A Juventude Católica Feminina organizou um retiro para filhas doentes, em que tomaram parte cerca de 30. Foi conferente o Rev. P. Victor Franco, Capelão dos Hospitais de Lisboa.

Peregrinações Brasileiras

Têm sido numerosos os grupos de peregrinos brasileiros que, a caminho de Roma, passam pela Cova da Iria. No dia 13 estiveram mais de 300 peregrinos de vários Estados, tendo à frente sua Ex.ª Rev.ª o Sr. D. Maurício José da Rocha, Bispo de Bragança. Neste grupo vinha o Sr. Orlando Leite, que foi portador de sementes de araucária (pinheiro manso do Brasil), que Sua Eminência o Cardeal Mota, de S. Paulo, enviou para serem semeadas junto do Santuário.

IMPÉRIO DAS MEIAS

Av. Almirante Reis, 173-B LISBOA

Lençóis ajour 1,20x2,25	22800
Almofadas casal, saldo	4800
Gravatas lindas, bom setim	10800
Lençóis c/ajour 1,80x2,50	37800
Lençóis, c/ajour, 1,40x2,40	26800
Lençóis barra cor 2,50x1,80	42800
Almofadas casal bom pano	5850
Almofadas pessoa com ajour	4900
Travesseiros casal com ajour	11800
Travesseiros pessoa c/ajour	7850
Travesseiros casal barra cor	12800
Almofadas casal barra cor	6800
Jogo cama, casal barra cor	62850
Jogo cama, bordado a branco	78800
Jogo cama bordado cor	80800
Colchas seda casal, lindas	110800
Colchas casal fortes	55800
Colchas adamascadas centros	60800
Colchas mesa	30800
Toalhas mesa 1x1 c/ guardan.	14800
Toalhas 1,20x1,20 c/ guardan.	19800
Toalhas damascadas 1,40x1,40	25800
Guardanapos iguais 45x45	2850
Toalhas cosinha xadrez	7800
Toalhas rosto grandes ajour	13800
Toalhas rosto lindas, 9850	8800
Toalhas rosto recl. 78, 68, 58 e	3830
Lenços georgete melhor que há	30800
Lenços mão senhora 3800 e...	1800
Lenços homem recl. 2800 e...	1870
Meias escócia fina	14800
Meias escócia saldo 10800 e...	9800
Meias seda, gase reclame	8800
Meias seda muito lindas 17800 e	20800
Meias vidro resistentes	35800
Pedras escócia fantasia 6800 e	4800
Pedras fino desenho, homem	10800
Chalças escuras 1,60x1,60	45800
Camisas popeline tabeja	37800
Camisas homem popeline fina	60800
Combinações opal folhos	18800
Combinações tecido forte	13800
Cuecas tecido forte	6800
Cuecas boa malha, senhora	7850
Gilets lá senhora reclame	26800

Provincia e Ilhas enviamos tudo a contra reembolso — Pagamos metade do porto

MEDALHAS RELIGIOSAS

assinados pelo escultor João da Silva: Nossa Senhora da Fátima — Nossa Senhora da Conceição e Nossa Senhora de Lourdes — Nossa Senhora de Fátima e S. Coração de Jesus — Virgem do Pilar e Sagrado Coração de Jesus — Escapulário e Santa Teresinha e Mater Dolorosa — Santo António e Ecce Homo — Rainha Santa Isabel de ouro e de prata. Encontram-se à venda no SANTUÁRIO DA FÁTIMA

Peregrinos da Venezuela

No dia 7, também de regresso da Roma, estiveram na Cova da Iria 21 peregrinos de Caracas, presididos pelo Rev. P. Marcelino Sabá.

A 13, como se diz na crónica da Peregrinação, estiveram 500 venezuelanos, com Mons. Acácio Obacon, Arcebispo de Mérida.

Arcebispo de Luanda

Vindo de Roma, passou pelo Santuário, onde celebrou Missa na Capela das Aparições, o Senhor D. Moisés Alves de Pinho, Arcebispo de Luanda, o qual presidiu no fim da Missa a um casamento.

Concentração da Acção Católica e dos Cruzados da Fátima

Nos dias 10 e 11 estiveram na Cova da Iria mais de 4.000 membros da A. C. Portuguesa e dos Cruzados da Fátima, que aqui vieram pedir pelo Santo Padre e pelas intenções do Ano Jubilar. Presidiu à concentração o Senhor Arcebispo de Miltene. As cerimónias constaram de procissão de velas e outras com a Imagem de Nossa Senhora; Missa e Comunhão geral; e uma sessão solene presidida pelo Sr. D. Manuel Trindade Salgueiro e pelo Sr. Bispo de Leiria. Usaram da palavra durante ela Mons. Domingos Apresentação Fernandes, Secretário Geral, e outros Dirigentes da A. C.

350 Peregrinos dos Estados Unidos

No dia 2 esteve mais um grupo de peregrinos dos Estados Unidos. Compunha-se de 350 pessoas e era presidido por Mons. McDonough, Bispo Auxiliar de Santo Agostinho (Flórida).

Peregrinação Irlandesa

No dia 14 chegou à Cova da Iria uma peregrinação de 650 Irlandeses, sob a presidência de Mons. John Kyne, Lord Bispo de Meath. Sua Ex.ª Rev.ª celebrou a Santa Missa na Igreja do Rosário, tendo-se realizado antes a procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima.

Retiro do Venerando Episcopado Português

De 19 a 26 fizeram o seu Retiro na Fátima Suas Eminências os Senhores Cardeal Patriarca de Lisboa e Cardeal Arcebispo de Lourenço Marques e os outros Venerandos Prelados não impedidos por motivos de saúde ou de serviço.

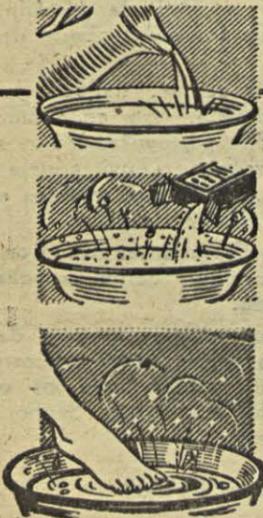
VISADO PELA CENSURA

TIRAGEM DA VOZ DA FÁTIMA

NO MÊS DE MAIO DE 1950

Algarve	7.506
Angra	16.593
Aveiro	5.627
Beja	4.580
Braga	39.093
Bragança	5.764
Coimbra	9.130
Évora	4.040
Funchal	10.434
Guarda	7.599
Lamego	7.672
Leiria	8.963
Lisboa	17.957
Portalegre	7.937
Porto	38.325
Vila Real	13.984
Visu	5.640
Total	210.744
Estrangeiro	5.254
Diversos	12.002
Total	228.000

Simple receita para transformar os seus **BANHOS de PÉS** num tratamento científico contra os males de pés.



PARA QUE os seus banhos de pés sejam eficazes contra as dores, inchações e pisaduras, adicione-lhe uma mão cheia de Saltratos Rodel.

IMEDIATAMENTE, nesta água leitosa, o oxigénio nascente liberta-se por milhões de bolhas curativas que penetram nos tecidos e nos músculos.

O ALÍVIO é instantâneo. A sensação de inchaço, de queimadura ou de fadiga desaparece. Calos e calosidades amolecem a tal ponto que, são logo fáceis de arrancar. O andamento volta a ser um prazer.

O bom banho de pés com Saltratos Rodel!

À venda nas farmácias, drogarias, perfumarias e em todas as boas casas.

Contra RESFRIAMENTOS, Tomei ASPRO

Estás a suar... de repente chove, vem, uma corrente de ar. Cautela com o resfriamento! Depressa ASPRO

Tomei também ASPRO contra FEBRE, INSÓNIA, NERVOSISMO, DORES DE CABEÇA, REUMATISMO, EFEITOS DO CALOR

ASPRO não fatiga o estomago!

Por esta marca reconhecereis o pacote de ASPRO

CONVERSANDO

Pão para todos

Mais gravemente que nunca sente-se hoje que uma grande parte da população do globo está reduzida pela pobreza e miséria a uma condição de vida indigna de seres humanos. É o que justamente se nota na oração que o Sumo Pontífice Pio XII compôs para todos os fiéis durante o corrente Ano Santo.

Na verdade, pobres houve sempre sobre a Terra, quer como condição da própria natureza humana, pelo poder, de que esta é dotada, de se determinar à prática do bem ou do mal nas mais variadas modalidades, quer como condição dos governos de Estado, por defeitos de técnica política, que, por vezes, mal deixam vislumbrar a almejada justiça que é a consolação dos aflitos.

No entanto, a pobreza, que mais dói e amargura, é a que, em nossos dias, vai até privar as pessoas de uma alimentação que, embora diminuída na sua modicidade, mas certa em cada dia, permita, ao menos, viver com relativa decência, sem a repulsa do ambiente social. É certo que este mínimo é possível realizar-se, desde que a vontade e a fé dos homens se disponham com decidida acção e caridade.

Há agora muito quem reclame, dados os notáveis progressos da técnica, se provoque, ao máximo, a produção e a distribuição dos valores económicos em geral, alargando-se desta maneira a capacidade de trocas e de consumos, e elevando-se, em lógica consequência, o nível geral da vida.

Algumas facilidades viriam daí por certo; mas isso só, não basta.

O maior mal, em matéria de subsistência pública, é a falta de justiça na distribuição.

É que, para haver justiça na distribuição, é preciso poder de compra; e, para satisfazer as necessidades fundamentais da existência, o poder de compra, quando não falta como sucede por vezes, varia desproporcionadamente além do que é devido.

Na escala dos que só têm para viver os recursos do próprio trabalho (e são o maior número), uns, por motivo de desemprego, chegam ao ponto de não terem sequer poder de compra; outros têm salários, sim, mas abaixo do indispensável para o seu sustento quotidiano e ainda por cima, em muitos, o incomportável encargo de famílias numerosas. — Quadro este bem triste de considerar-se!

Por outro lado, em contraste, depara-se nos o quadro dos que, vivendo do próprio trabalho, arranjam e acumulam, por uma conjugação de circunstâncias e meios que nem sempre são de seu mérito pessoal, retribuições ou réditos que seriam, só por si, o bastante para o sustento de dezenas e centenas de famílias e numa desproporção tal que ultrapassa os limites do mais simples ao mais complexo conceito de justiça na condução de homens.

Reconhecido que o nível do rendimento alimentar do mundo não chega para todos, por mais produ-

ção e trocas que se façam, — como poderá um trabalho, com salário diário dos mais reduzidos, competir em preços nos mercados de subsistência, com o trabalho materialmente categorizado acima de limites iniquamente desproporcionados.

Não há já que duvidar: a justiça na distribuição apenas é de realizar-se mediante um regime especial de exploração que directamente tenha em vista a terra como única fonte inesgotável de subsistências e com garantias a determinar.

A experiência de séculos demonstra que a concessão de glebas a particulares, como tem sucedido, pelo simples critério de que são pobres e não têm onde trabalhar, não oferece interesse social apreciável; alguns, se vingam fixar-se, é por excepção, porquanto a maior parte, por falta de qualidades e aptidões pessoais, abandonam a breve trecho, a sua posição. Ora esta não é maneira económica de se seleccionarem proprietários agrícolas.

A melhor forma de exploração obtém-se em regime de propriedade privada, mas dentro do conceito de que a terra é uma função social primacial. Tem a seu favor o exemplo dos períodos de mais duradoura paz e civilização que o mundo tem tido e a história regista.

A exploração por socialização do Estado ou de Sindicatos, para que tendem muitos, assenta no errado conceito de que o que a terra dá, sendo essencial à vida de todos, deve ser de fruição comum. O trabalho, porém, nestas condições, é, economicamente, de fraca produtividade e, moralmente, apenas viável sob coacção que pode ir até à escravatura. Portanto, anti-social.

Consequentemente, pelo regime de propriedade privada, e com reforma profunda nos direitos e costumes, é de desejar que a terra venha a ser, em breve, objecto dum estatuto autónomo especial que sancione, como basililar, a posição da agricultura em face das outras indústrias, para que, assim, possa ser assegurado um quinhão de subsistências que permita a cada um, pelo menos, uma vida compatível com a dignidade humana.

A. LINO NETTO

VOZ DA FÁTIMA

DESPESAS

Transporte	4.707,053\$21
Papel, imp. do n.º 333 ...	30.177\$90
Frang. Emb. Transporte do n.º 333	1.857\$30
Na administração	300\$00
Total	4.739,386\$41

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades»

Nossa Senhora da Fátima em Espanha

Em Palência

No dia 13 de Maio foi inaugurada uma formosa imagem de Nossa Senhora da Fátima, na igreja dos Revs. Padres Dominicanos da cidade de Palência. Precedeu uma Novena de pregações em que tomaram parte os mais abalizados oradores da Capital:

O Rev. P. Superior dos Jesuítas, o Rev. P. Prior dos Dominicanos, o Rev. Pároco da freguesia de Santa Marinha, o Rev. Abade Mitrado da Abadia da Trapa de St.º Isidro de Dueñas, e o Ex.º e Rev.º Sr. Bispo da Diocese.

A assistência foi enorme, tanto ao Rosário da Aurora, como ao exercício da noite.

A grande e espaçosa Igreja dos Dominicanos esteve sempre cheia.

A Comunhão do dia 13 foi numerosíssima e poucas vezes superada.

Em Antigüedad

Na freguesia de Antigüedad, da mesma Província de Palência, inaugurou-se outra imagem de Nossa Senhora da Fátima, oferecida por um devoto filho da terra. No dia 13 houve sermão por um famoso orador; e a linda imagem foi levada em procissão pelas principais ruas da villa com acompanhamento de todo o povo, como nas maiores festividades, apesar de ser dia de trabalho. Como a região soffria uma grande seca, com todo o fervor se pedia água para os campos. E Nossa Senhora da Fátima foi tão amável com estes bons camponeses de Antigüedad, que, apenas tinha acabado a procissão, começou a cair uma chuva abundante e benéfica que salvou as colheitas, aumentando mais ainda a fé que já tinham em Nossa Senhora da Fátima.

CRÓNICA FINANCEIRA

Ao contrário do que habitualmente sucede, ao escrever estes artigos, não recebemos ainda (dia 17) a folha agrícola do Instituto Nacional de Estatística com o estado das culturas em 31 de Maio findo. Por esse motivo não podemos dar hoje aos nossos prezados leitores informações precisas sobre assunto de tão grande importância. Todavia por informações particulares colhidas de vários lados, concluímos que apesar dos temporais de Maio terem feito estragos num ou noutro ponto, no geral as chuvas foram muito benéficas e compensaram os prejuizos no conjunto.

Parece-nos que a crise para a lavoura está no fim. A agricultura já perdeu o que tinha a perder. Para o comércio e para a indústria a crise continua brava e para a finança já começou também, segundo rumores que nos têm chegado ultimamente e que aliás já esperávamos. Se o sol quando nasce, nasce para todos, o mesmo sucede quando se põe...

Os salários já baixaram em alguns sítios e bastante. As rendas das casas em Lisboa e Porto também têm baixado e não obstante já há muito que se não vêem tantos escritos nas janelas.

A exportação de vinhos nos quatro primeiros meses deste ano excedeu a do mesmo período do ano passado, tanto em valor como em litragem.

No total dos quatro meses, o ano passado exportámos 42.078 pipas no valor de 94.383 contos. Este ano exportámos 56.868 pipas, no valor de 156.022 contos.

De vinho do Porto eram no ano passado 7.479 pipas, no valor de 52.797 contos. Este ano foram, nos mesmos quatro meses, 12.850 pipas no valor de 92.571 contos. O preço por pi-

pa foi de cerca de 7 contos no ano passado e de cerca de 7 contos e 200\$00 este ano. Mais vinho e mais caro.

Quanto aos vinhos comuns tintos, a exportação foi, nos quatro primeiros meses do ano passado, de 23.888 pipas no valor de 25.021 contos. No mesmo período deste ano foi 29.710 pipas no valor de 34.817 contos.

O preço por pipa foi no ano passado de cerca de um conto e cinquenta; e este ano foi de um conto e 170 escudos.

Como para o Douro, exportámos mais vinho e mais caro.

De vinhos verdes e verdascos, exportámos nos primeiros quatro meses do ano passado, 1.076 pipas no valor de 1.046 contos. Este ano, exportámos 1.317 pipas, no valor, de 1.444 contos. É caso para se dizer: pouco vinho e pouco dinheiro. Não obstante, a exportação este ano excedeu a do ano passado em quantidade e em preço. Os compradores não podem alegar em seu proveito a falta de exportação. A falta de calor, essa sim, porque o melhor reclame para o vinho verde foi sempre o verão quente.

As nossas Áfricas são mercados naturalmente indicados para estes deliciosos e raros vinhos e é lá que está o seu futuro. O Brasil também está nas mesmas condições e já foi o melhor mercado dos nossos vinhos verdes. Hoje não se vende para lá nada. Não obstante um velho amigo que acaba de chegar de lá, depois de 27 anos de ausência, diz-nos que se estão lá vendendo vinhos espanhóis, italianos e gregos por metade do preço dos nossos. E não só vinhos, como figos, castanhas e todos os demais artigos portugueses.

PACHECO DE AMORIM

PALAVRAS DUM MEDICO

(4.ª Série)

IX

DEUS E PÁTRIA

No artigo anterior, procurei demonstrar que a arquitectura dos nossos monumentos ligava sempre a ideia de Pátria à ideia de Deus.

O mesmo sucede às outras belas artes. Na pintura, basta citar a obra prima de Nuno Gonçalves, os famosos painéis de S. Vicente, onde, em volta do patrono da cidade de Lisboa, se encontram muitos heróis da dinastia de Aviz.

O que se dá com a arquitectura e com a pintura, dá-se igualmente com a poesia. Bastará lembrar «Os Lusíadas», epopeia sublime do grande Camões.

A primeira vista, parece que o maravilhoso do poema não se pode adaptar muito bem à nos-

sa religião, por se basear largamente na mitologia.

Explicou o censor do poema, Fray Bertholameu Ferreira, «não achar inconveniente yr esta fábula dos Deoses na obra, conhecendo por tal, e ficando sempre salva a verdade de nossa sacra fé, que todos os Deoses dos gétios sam demonios».

O próprio Camões acaba por informar que «por derradeiro, o falso deus adora o Verdadeiro».

Para terminar desejo referir-me a uma doutíssima conferência que, há muitos anos ouvi pronunciar em Paris. Perante imenso auditório, um célebre professor francês enunciou esta grande verdade: «Depois do nascimento de Cristo, o facto

mais notável da história do mundo foi a descoberta da Índia».

Não sei se, naquela grande assembleia, seria eu o único e humilde português. O que sei é que recebi ao ouvir aquela verdade, uma das maiores emoções da minha vida...

Os Portugueses foram os primeiros que deram a volta ao mundo.

Pois agora, nas asas da fé, estão outra vez a percorrer o mundo inteiro com os olhos postos em Nossa Senhora da Fátima.

Porto, H.V-50

J. A. Pires de Lima